



APRESENTAÇÃO

INICIAÇÃO AO SENTIR-SE AUTOR

Os autores dos artigos desta Revista estão, certamente, sentindo que TUDO VALEU A PENA – foram horas e horas de leitura, de encontros com a professora, de faz-e-refaz longos trechos, de dúvidas, de noites mal dormidas, enfim, de preocupação ‘salutar’ –, coroada agora com a publicação, com seus textos aceitos pela Revista **Eventos Pedagógicos**. Que prazer intelectual saboroso! Que orgulho para os familiares e professores! Sim, professor(a) é um pai/mãe com inúmeros filhos adotados e orientador(a) é o adotivo/adotado para oficializar os passos na pesquisa.

Esta ação é fruto de uma longa caminhada de reflexão sobre os cursos de graduação que pode ser percebida por meio da respectiva legislação. Como começou essa oportunidade no curso de Letras? Em 1962, houve a primeira proposta de currículo mínimo; sete anos após, previram-se também disciplinas pedagógicas e a prática pedagógica na habilitação profissional. A Lei de Diretrizes e Bases de 1996 revogou a obrigatoriedade de currículos mínimos e aplicou princípios, objetivos e metas às diretrizes curriculares. Entre os princípios, neste momento, interessa ressaltar o estímulo a “práticas de estudo independente, visando a uma progressiva autonomia profissional e intelectual do aluno”, o encorajamento ao “aproveitamento do conhecimento, habilidades e competências adquiridas fora do ambiente escolar” e o fortalecimento da “articulação da teoria com a prática, valorizando a pesquisa individual e coletiva”. Surgia, naquele momento, menção sobre o valor da pesquisa na graduação! Outras legislações se seguiram e a obrigatoriedade da investigação tornou-se presente.

Qual é sua importância? A pesquisa auxilia o acadêmico a relacionar teoria e prática, assimilando melhor os temas estudados, e a ter postura científica e pensamento crítico; como consequência, tornar-se autônomo e capaz de investigação em seu campo de saber. Na graduação, a participação em eventos e publicação de suas pesquisas é essencial para a socialização do conhecimento, reorganização sistemática dos dados e autoafirmação no universo acadêmico – solidifica-se, assim, a formação.

Neste número, o que o graduando em Letras detectou como problema e se empenhou na busca de possíveis soluções e/ou abordagens? Dois temas foram julgados pertinentes – Analfabetismo e Acordo Ortográfico Brasileiro. O ‘Analfabetismo’ possibilita um leque de enfoques, seja pelos tipos seja por suas consequências – acrescido do (an)alfabetismo digital –, além dos respectivos letramentos. O ‘Novo Acordo Ortográfico’ postula-se atualmente como preocupação de cidadãos brasileiros e de falantes da língua portuguesa do mundo todo. Quando vemos, em publicações portuguesas, listados entre os “dezoito argumentos que os portugueses costumam esgrimir contra a necessidade de um ‘Acordo Ortográfico’ (e sua refutação)”, o título “A ‘invasão’ brasileira”, e nos lembramos do histórico de Acordos/Desacordos Ortográficos entre Brasil e Portugal, o tema torna-se deveras fascinante e, por que não, preocupante.

Cursar todas as disciplinas do Curso de Letras, relacionar a teoria vista à prática da vida escolar e das linguagens em geral, selecionar prioridades para projetos, pesquisar, verbalizar os achados... Enfim, diríamos, são atitudes, habilidades e competências acadêmicas previsíveis. Afinal, os cursos superiores são construídos por essas e outras etapas.

Mas... *publicar* também o é? Está na legislação do Curso de Letras ou é um avanço na formação do licenciando? Não podemos deixar de dizer que há sim leve menção à publicação de artigo – como uma das formas de apresentação do trabalho de conclusão de curso –, mas instituir esta prática em Revista classificada pelo Sistema Integrado CAPES (SINCAPES) com Qualis de B5 e C, em apenas três anos de edição, é deveras louvável. Prática que possibilita, incorporada aos benefícios da postura de pesquisador, a retextualização do gênero monografia para o gênero artigo científico, incluindo as respectivas peculiaridades quanto à finalidade, estilo e estrutura, e mais rápida coletivização de ideias.

Que os graduados em geral habituem-se a transferir o olhar bem-humorado de pesquisador para o cotidiano da sala de aula e/ou para seu campo de atividade profissional! Esse é um sonho deveras lúcido, cujos capítulos só tendem a trazer melhoria ao ensinar-aprender-profissionalizar-se! Que se habituem também a ser autores de suas ideias! O significado desta ação já consta na natureza do nome da Revista – EVENTOS PEDAGÓGICOS; como diz Aurélio, um *acontecimento*, um *sucesso dos ideais, processos e técnicas* relativos à Educação!

Marieta Prata de Lima Dias

Universidade do Estado de Mato Grosso – Sinop

Sinop, 01 de outubro de 2013.